

O Tarô Etnográfico de Marseille: meu antídoto metodológico

*The Ethnographic Tarot of Marseille: my methodological
antidote*

Aina Azevedo

Universidade Federal da Paraíba

João Pessoa, Paraíba

ainazevedo@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-3452-6820>

Recebido em: 30 de setembro de 2024

Aceito em: 02 de dezembro de 2024

Resumo

O Tarô Etnográfico de Marseille é fruto da residência de pesquisa realizada no Iméra-AMU, entre 2023 e 2024, na cidade mediterrânea de Marseille, na França. Este trabalho procurou aprender uma nova língua – o francês, o *marseillais* – e as histórias presentes em Marseille, e expressar esses aprendizados por meio de uma linguagem corrente na cidade estudada – o tarô –, mimetizando assim *forma* e *conteúdo*. Aqui, evidencio o percurso metodológico não previsto que deu origem a este trabalho, inspirado no *Breve diccionario enciclopédico ilustrado de MI câncer* de Urrutia (2017), no projeto artístico “Arcanos Menores” de Rodrigues (Rodrigues e Rosa, 2021), no antigo Tarot de Marseille e no Jeu de Marseille. Tal percurso evoca reflexões acerca da mútua afetação entre *tarô* e *etnografia*, do lugar dos sonhos em nossas pesquisas e da possibilidade de “reativar” (Sztutman, 2018) o tarô como um antídoto metodológico ou um “paraquedas colorido” (Krenak, 2019) para pensar *com* a etnografia.

Palavras-chave: Tarô. Etnografia; Desenho; Metodologia; Mediterrâneo; Antropologia Urbana.

Abstract

The Ethnographic Tarot of Marseille is the result of a research residency carried out at Iméra-AMU between 2023 and 2024 in the Mediterranean city of Marseille, France. This work sought to learn a new language – French, *marseillais* – and the stories present in Marseille, and to express these learnings through a language common in the city studied – the tarot – thus mimicking *form* and *content*. Here, I highlight the unplanned methodological path that gave rise to this work, inspired by Urrutia’s *Breve diccionario enciclopédico ilustrado de MI câncer* (2017), Rodrigues’ artistic project “Arcanos Menores” (Rodrigues and Rosa, 2021), the old Tarot de Marseille and the Jeu de Marseille. This path evokes reflections on the mutual affect between *tarot* and *ethnography*, the place of dreams in our research and the possibility of “reclaim” (Sztutman, 2018) the tarot as a methodological antidote or a “colourful parachute” (Krenak, 2019) to think *with* the ethnography.

Key-words: Tarot; Ethnography; Drawing; Methodology; Mediterranean; Urban Anthropology.

Dizem que a melhor forma de aprender uma língua é em uma relação amorosa. Pouco a pouco, aprendemos o nome das coisas mais pequeninas até as absolutamente grandiosas. O Tarô Etnográfico de Marseille (Azevedo, 2024)¹ é uma coleção de cartas assim, feitas de palavras e desenhos, e conhecidas pelo coração. Um coração plantado em Marseille.

O Tarô Etnográfico de Marseille (doravante TEdM) foi realizado durante a residência de pesquisa no Iméra-AMU, entre os anos de 2023 e 2024, na cidade mediterrânea de Marseille, na França². Esse trabalho reúne etnografia, desenhos em aquarela, palavras e jogo de adivinhação em um único dispositivo. Entretanto, para que seja experienciado plenamente, é necessário embaralhar o tarô, deixar que o acaso ou a sorte faça o seu trabalho de seleção das cartas, para que, aí sim, possamos interpretá-las em relação à narrativa proposta pela sempre renovada combinação entre elas. Essa advertência não é feita para frustrar as expectativas em relação a este artigo, mas para destacar o caráter multimodal, dialógico e encarnado do tarô, e nomear os diversos sentidos mobilizados nesse dispositivo absolutamente analógico.

Uma outra abordagem possível seria a proposta por Greenberg (2023): tirar as cartas do tarô para auxiliar na criação do próprio artigo. Como estudioso e praticante do tarô, Greenberg propõe uma metodologia decolonial que deixa o tarô falar por si mesmo diante de perguntas como: “O que é o acaso?” Essa dimensão que entra em cena quando o tarô é jogado e passa a incluir não somente as intenções da/o cartomante e da/o consulente, mas a agência dos espíritos (uma agência não antropocêntrica e imprevisível (Andrews, 2020: 2 *apud* Greenberg, 2023: 534)³. A resposta a “O que é o acaso?”, é dada pelo próprio tarô e por Greenberg, que o interpreta (Greenberg, 2023: 533-535). Essa metodologia decolonial – contra a racionalidade cartesiana e o projeto modernista – é

¹ Originalmente: Tarot Ethnographique de Marseille.

² Este trabalho foi desenvolvido no Iméra-Institut d'Etudes Avancées Aix Marseille, com o apoio do FIAS Fellowship Programme, cofinanciado pelo programa European Union's Horizon 2020, sob o acordo de concessão Marie Skłodowska-Curie nº 945408.

³ Vale a pena retomar aqui a citação que Greenberg faz de uma passagem do livro *Chance, Phenomenology and Aesthetics: Heidegger, Derrida and Contingency in Twenty Century Art* de Ian Andrews, sobre os efeitos do acaso:

“(…) a radical estrangement, or shift in attitude, in order to encounter phenomena, language, and the structure of experience, from a (non-anthropocentric) perspective and *enables an encounter with the unforeseen*. By enabling an event of unforeseeable otherness, these practices disrupt our horizons of expectation, shatter our predelineatory frameworks and force us to reconfigure our relation to the real in terms of everyday experience” (Andrews, 2020: 2 *apud* Greenberg, 2023: 534, grifo do autor).

denominado por Greenberg de “pesquisa imaginária” (2023: 528) e reposiciona a imaginação como uma importante faculdade perceptiva (2023: 535).

A estratégia de usar o tarô para escrever um artigo sobre ele mesmo é sem dúvida inovadora e tentadora. Como Greenberg mesmo aponta, geralmente a adivinhação e a magia são descritas por pesquisadores que não as praticam (2023: 528). Assim, a busca por uma lógica racional está sempre presente (Greenberg, 2023: 530 e 544), ainda que com *boas intenções*: como elevar a magia a sistemas de pensamento coerentes – como fez tão bem Evans-Pritchard (2005).

Por motivos que ficarão claros a seguir, não jogarei o tarô para guiar a escrita. Minha intenção, além de mais singela, é marcada pela condição de aprendiz da cartomancia, e relaciona-se muito mais à descrição de um processo de pesquisa. Processo este que me levou a fazer, de forma não planejada, um tarô etnográfico. A mútua afetação dos termos, *tarô* e *etnografia*, é o que interessa-me pensar aqui. Pois, se olharmos por um prisma tradicional, o TEdM não é nem uma coisa, nem outra: nem um tarô, nem uma etnografia. Então, o que quero dizer com isso? De que modo os próprios termos, *tarô* e *etnografia*, transformam-se nessa relação? Enfim, o que é o Tarô Etnográfico de Marseille?⁴ Essa é uma pergunta que faço a mim mesma nas próximas páginas e ao próprio TEdM, na conclusão deste artigo, como minha *cartada final*.

Este artigo divide-se em cinco partes. Na primeira, apresento a “Gênesis” do TEdM como um trabalho que ganha corpo inspirado no *Breve diccionario enciclopédico ilustrado de MI câncer* da artista Josune Urrutia Asua (2017) e no projeto artístico “Arcanos Menores” da antropóloga Daniela Rodrigues (Rodrigues e Rosa, 2021). Na segunda parte, “Meu ‘paraquedas colorido’”, procuro demonstrar as relações entre tarô e etnografia a partir da presença dos jogos de cartas em Marseille – notadamente, o antigo Tarô de Marseille e o Jeu de Marseille, este último feito por André Breton e outros surrealistas – e da possibilidade de fazer uma etnografia pautada pelo desenvolvimento de um jogo de adivinhação como o tarô. Aqui, também apoio-me na ideia de “wayfaring” de Ingold (2011) para liberar a etnografia da limitação contextual que antecederia o próprio exercício de deambular por Marseille. Na terceira parte, “O sonho como *insight*

⁴ Agradeço às questões feitas pelos pesquisadores e pesquisadoras do LA’GRIMA (Laboratório Antropológico de Grafia e Imagem), em um encontro realizado em agosto de 2024, quando tive a oportunidade de apresentar o TEdM, pela primeira vez, no Brasil. O percurso que trilho neste artigo parte das boas perguntas feitas ali. Se consigo respondê-las, essa é uma outra questão. Aproveito também para agradecer à leitura atenta feita por Daniela Rodrigues e seus inúmeros comentários que me ajudaram a confeccionar este artigo.

de pesquisa”, apresento a principal carta do TEdM e sua relação com o sonho como um importante mobilizador da pesquisa etnográfica. Na quarta parte, ““Reativar’ o tarô”, discuto o tarô como um antídoto metodológico ao cientificismo, que irá propiciar outras formas de engajamento com o mundo, com os outros e com a própria etnografia. Na última parte, “*Cartada final*”, é o próprio TEdM quem indica as cartas que podem responder à pergunta “O que é o Tarô Etnográfico de Marseille?”, para que possamos interpretá-las.

Em suma, este artigo busca circunstanciar um processo de pesquisa e discutir algumas das questões levantadas por um trabalho que procurou não somente mediar o aprendizado de uma nova língua – o francês, o *marseillais* – e das histórias presentes em Marseille, mas expressar esses aprendizados por meio de uma linguagem corrente na cidade estudada – o tarô –, mimetizando assim *forma e conteúdo*.

Gênesis

Como uma amante pouco sistemática da língua francesa que teve a chance de fazer uma imersão de dez meses em uma cidade francófona, me peguei fazendo listas aleatórias de palavras que chamavam-me a atenção em Marseille. Eram expressões idiomáticas, gírias, partes de músicas, nomes de bares e restaurantes, animais, fenômenos naturais, sentimentos, plantas, comidas, entre outros. Eu pensava em uma maneira de dar forma àquela bagunça, dando asas à minha relutante identidade de antropóloga-desenhista-artista.

A primeira forma narrativa que encontrei para pendurar as palavras em *marseillais* (ou no francês em geral) pelas quais ía me apaixonando, foi o abecedário da artista e também pesquisadora residente no Iméra-AMU, Josune Urrutia Asua⁵ (2017). Esse trabalho chama-se *Breve diccionario enciclopédico ilustrado de MI cáncer* e já inspirou outros trabalhos artístico-antropológicos, como o de Boserman (2021). No *Breve diccionario*, cada carta é composta por uma letra do alfabeto, uma palavra correspondente, um desenho e algumas linhas que falam sobre aquela *palavra-experiência* com o câncer.

⁵ O trabalho de Josune Urrutia Asua pode ser conhecido aqui <https://josuneurrutia.com/en/>. Acesso em: 27 ago. 2024.

Figura 1 – Breve diccionario enciclopédico ilustrado de MI cáncer



Fonte: Urrutia, 2017

Embora simples, o alfabeto também é uma forma desafiadora de contar uma história. A parte simples é que as cartas podem ser lidas aleatoriamente, não há compromisso com a temporalidade narrativa. A parte desafiadora é escolher as palavras abundantes de certas letras e encontrar as palavras escassas de outras. Assim, inicialmente, fiz as primeiras experimentações seguindo essa diretriz. Mas logo fui tomada por uma outra inspiração.

Há muitos anos, a artista e antropóloga Daniela Rodrigues⁶, coleciona cartas de baralho e tarô encontradas ao acaso nas ruas. Como resultado de um projeto artístico descontrolado, o trabalho chamado “Arcanos Menores” (Rodrigues e Rosa, 2021) constitui um baralho de 54 cartas achadas ao acaso (54 é o número de um baralho tradicional de cartas de jogar)⁷. Hoje, esse projeto artístico já conta com mais de uma

⁶ Daniela Rodrigues realiza seu pós-doutorado em Marseille no IDEAS - AMU / ANFAA A*Midex.

⁷ Ver Daniela Rodrigues, Arcanos Menores. Disponível em: <https://arcanosmenores.endofmedium.com>. Acesso em: 25 ago. 2024.

centena de cartas – e ao menos uma dezena delas foi encontrada nas ruas de Marseille durante os meses que passamos juntas ali, entre setembro de 2023 e julho de 2024⁸.

Figuras 2, 3 e 4 – Cartas encontradas nas ruas de Marseille



Fonte: Rodrigues, 2023/2024

Achei que o trabalho que eu construía paralelamente a outras atividades de pesquisa, também tinha um pouco de acaso. O encontro com palavras em francês, com expressões particularmente faladas em *marseillais* e seus significados mais profundos, assim como o encontro com histórias, imagens e grafites recolhidos por Marseille, surgiam de uma experiência que, inicialmente, era fortuita e despretenhosa.

Animada pela inspiração que essas duas companheiras de pesquisa me trouxeram, resolvi dar prosseguimento ao meu projeto. Assim, pensei em manter a estrutura narrativa do abecedário (A, B, C...), mas transformar o conjunto de cartas em um tarô. Um tarô livre de qualquer compromisso com as várias tradições existentes – até mesmo porque eu não as conhecia bem.

Em suma, a ideia foi encontrar uma palavra para cada letra do alfabeto que tivesse um significado importante em Marseille, ou na língua francesa em geral, e fazer um desenho correspondente, inspirado em imagens – reais ou imaginárias, sem distinção – da cidade. Me absteve de descrever, mesmo que em poucas linhas, o significado de cada carta, como fez Urrutia (2017) em seu *Breve diccionario*. Pois as cartas do tarô *se dão a ver*, permitindo sempre novas compreensões das relações entre o desenho e a palavra, e entre as próprias cartas quando embaralhadas, retiradas ao acaso e postas sobre a mesa.

⁸ As cartas encontradas mais recentemente por Daniela podem ser vistas em seu perfil do Instagram <https://www.instagram.com/danielaafiliperodrigues/>. Acesso em: 25 ago. 2024.

Finalmente, o TEdM consolidou-se em um conjunto de 33 cartas, das quais 30 correspondem às 26 letras do alfabeto latino e quatro repetem algumas dessas letras⁹. As três cartas restantes são: minha assinatura; uma breve explicação; e o padrão no verso de todas as outras cartas. As 30 cartas com letras do alfabeto são de duas cabeças, com significados relacionais. Ou seja, cada uma dessas cartas foi composta por duas palavras que começam com a mesma letra e têm dois desenhos correspondentes posicionados em direções opostas. Isso permite diferentes leituras de uma mesma carta, indicando um significado e em seu oposto-complementar, algum tipo de correspondência, oposição ou relação¹⁰.

Figura 5 – Cartas do Tarô Etnográfico de Marseille



Fonte: Azevedo, 2024

A ideia de criar cartas de duas cabeças com significados relacionais veio de minha própria experiência etnográfica, que me distanciou de um retrato definitivo de Marseille. A contaminação de experiências inversas, invasivas e inventadas estava sempre presente na linguagem e na cidade que eu estava, pouco a pouco, aprendendo a conhecer. Sentia que Marseille não deveria ser descrita por meio de cartas que pudessem vir a ser enquadradas em pólos positivos ou negativos. Assim, da forma como foram concebidas, as cartas preservavam uma certa ambiguidade ao indicar ao menos duas perspectivas (poderiam ser mais!).

⁹ Quando o TEdM estava quase pronto e eu já havia contemplado todas as letras do abecedário, resolvi acrescentar mais cartas que repetiam algumas letras e expressavam *histórias-desenhos-experiências* que não poderiam ficar de fora de baralho.

¹⁰ As cartas foram feitas com caneta nanquin, lápis grafite e aquarela sobre papel Canson para aquarela 300 gramas, dimensão A6.

Não é preciso ser uma *expert* em tarô para perceber que as cartas do TEdM não guardam qualquer semelhança com um tarô tradicional. O TEdM apresenta um número de cartas reduzido – 33, ao invés de 78. As cartas foram construídas pensando em contemplar as letras do abecedário, e não em reproduzir ou re-inventar os Arcanos Maiores e Menores que compõe um tarô tradicional. Além disso, as cartas têm duas cabeças diferentes, distinguindo-se até mesmo de um baralho de cartas comum, em que as duas cabeças são espelhadas¹¹.

Afinal, por que então chamar o TEdM de *tarô* e não simplesmente de *oráculo*? E por que incluir o termo *etnográfico*, em uma experiência aparentemente aleatória?

Meu “paraquedas colorido”

No TEdM, *tarô* e *etnografia* caminham juntos de forma não prevista, mas nem por isso improvável. Talvez para o/a leitor/a brasileiro/a que não interessa-se por práticas oraculares, a associação entre tarô e Marseille não seja evidente. Para mim, por exemplo, não era. Em algum momento da minha vida, já ouvira falar do Tarô de Marseille, mas foi realmente naquela cidade que passei a vê-lo por toda parte. De acordo com Greenberg (2023: 529), a relação do tarô com Marseille data do século XVII, quando essa cidade constituiu um dos primeiros centros de impressão da Europa e passou a difundir um estilo de cartas padronizadas. Atualmente, esse estilo de cartas é conhecido como Tarô de Marseille e o exemplar mais antigo desse estilo foi feito por Jean Noblet em 1650.

Em Marseille é fácil deparar-se com murais de cartas de tarô pintadas nas paredes ou outras intervenções gráficas menores; há algumas lojas dedicadas a artigos esotéricos, com destaque para a venda de diversos tipos de tarô, além de também ser possível encontrar tarôs em lojas de *souvenirs* e livrarias; já nos terraços de bares e cafés, e até mesmo na praia, é notável a presença de pessoas jogando cartas de tarô e baralho. O antigo Tarô de Marseille, que possui muitas versões desde o seu surgimento, é uma linguagem, digamos assim, comum em Marseille.

¹¹ Depois de fazer as cartas com duas cabeças diferentes, descobri que existem tarôs antigos feitos de forma similar, como o tarô de Etteilla de 1789. Um outro exemplo é um tarô francês criado no fim do século XIX que apresenta, em cada carta, dois mundos inversos, com moralidades diferentes: de um lado, imagens do mundo rural, e do outro, imagens da cidade. Segundo Cornu (2018: 18), esse novo tarô fora utilizado nas escolas como um dispositivo educacional para conter o êxodo rural ao exaltar a vida no campo – mesmo com sua dureza –, e apontar, por outro lado, os problemas da vida citadina. Vale notar que uma das cartas encontradas por Daniela Rodrigues mostrada anteriormente, corresponde a esse tarô analisado por Cornu.

Figura 6 – Cartas do Tarô de Marseille estampadas em uma parede em Marseille



Fonte: Azevedo, 2024

Outra referência importante que relaciona jogos de cartas à Marseille é o Jeu de Marseille (Jogo de Marseille): uma re-interpretação, ou melhor, uma subversão do baralho comum feita pelos artistas surrealistas Andre Breton, Wifredo Lam, Max Ernst, Jacqueline Lamba, Oscar Dominguez, Victor Brauner, Jacques Hérold e André Masson. O Jeu de Marseille apresenta cartas em que os personagens da corte são desconstruídos, assim como o simbolismo tradicional do baralho. Em entrevista concedida ao escritor, poeta e artista, Alain Jouffroy, um dos artistas surrealista, Jacques Hérold, diz que:

Nosso jogo assemelha-se a um jogo de cartas comum. O Rei, a Rainha e o Valeta tornaram-se o Gênio, a Sereia e o Mágico. O [naipe de] paus tornou-se a fechadura negra do Conhecimento, o [naipe de] ouros a mancha vermelha de sangue da Revolução, o [naipe de] espadas a estrela negra do Sonho e o [naipe de] ouros a chama vermelha do Amor (Jouffroy, 1974: 152-153, tradução nossa)¹².

As transformações e subversões das imagens nos jogos de cartas podem ser consultadas em fontes especializadas (cf. Hoffmann, 1973). Aqui, gostaria apenas de citar subversões realizadas nos baralhos de forma um tanto semelhante àquela feita pelos artistas surrealistas. Segundo Cornu (2018: 03), durante a Revolução Francesa, cartas socialmente hierarquizadas foram re-inventadas. Saint-Simon substituiu os reis por gênios da guerra, da paz, das artes e do comércio; as damas por liberdades de culto,

¹² No original: “Notre jeu ressemble au jeu de cartes ordinaire. Le Roi, la Reine, le Valet, sont devenus le Génie, la Sirène et le Mage. Le trèfle est devenu le trou de serrure noir de la Connaissance, le carreau, la tache du sang rouge de la Révolution, le pique, l'étoile noire du Rêve et le cœur la flamme rouge de l'Amour” (Jouffroy, 1974: 152-153).

casamento, imprensa e profissões; e os valetes por igualdades de deveres, direitos, postos e cores. Um outro jogo mencionado pelo autor e produzido no mesmo período em Toulouse, fez a substituição dos reis pelos quatro elementos, das damas pelas quatro estações e dos valetes por quatro fazendeiros.

O Jeu de Marseille foi feito durante a invasão nazista à França na Segunda Guerra Mundial, em meio à urgência da espera por um resgate. Espera essa que terminou em 1941, com uma viagem de barco saindo do Vieux Port (Porto Velho) de Marseille em direção aos Estados Unidos – o mesmo barco em que também escapou Lévi-Strauss.

Jogar, brincar e desenhar podem parecer atitudes inesperadas em meio ao avanço da ocupação nazista, embora haja inúmeros exemplos de pessoas que *fizeram arte* em circunstâncias extremas, como uma forma de resistência e esperança. E, ao que tudo indica, os surrealistas, assim como os indígenas, parecem saber o que devemos fazer diante do fim. Em *Ideias para adiar o fim do mundo*, Krenak usa a metáfora do “paraquedas colorido” para dizer que não devemos “(...) eliminar a queda, mas inventar e descobrir milhares de paraquedas coloridos, divertidos, inclusive prazerosos. Já que aquilo de que realmente gostamos é gozar, viver no prazer aqui na Terra” (2019: 63).

A experiência de viver em Marseille como uma imigrante temporária e acadêmica, não pode ser comparada, em qualquer sentido, a experiências extremas como as mencionadas acima. Mas faço a analogia, que espero não ser compreendida de forma leviana e apressada, entre o “paraquedas colorido” e o TEdM. Para mim, o TEdM foi a maneira encontrada de transformar uma experiência incerta – de queda em um outro mundo, com a necessidade de aprender uma nova língua – em algo divertido e, ao mesmo tempo, comprometido com uma curiosidade de pesquisa.

Apesar do TEdM não corresponder estritamente às expectativas de um tarô tradicional, ele é fruto das confluências que reúnem a inspiração de minhas companheiras de pesquisa (Josune Urrutia Asua e Daniela Rodrigues), a presença da linguagem tarô em Marseille (o Tarô de Marseille) e a possibilidade de subverter baralhos pré-existentes (o Jeu de Marseille). Além disso, o TEdM guarda semelhanças com o tarô tradicional e outras práticas oraculares pelo seu caráter divinatório. Jogar o TEdM é um caminho para estabelecer uma relação, especular sobre o futuro e receber conselhos que serão interpretados a partir de histórias descobertas em Marseille e que, ao mesmo tempo, revelam Marseille.

Essas histórias referem-se à etnografia que passei a fazer da cidade, guiada pela própria confecção do tarô. Quando visualizei como iria construir meu “paraquedas

colorido”, a curiosidade dispersa que me movia, transformou-se em um projeto de pesquisa etnográfico. O principal impulso não era recolher palavras abundantes de certas letras do abecedário e procurar as palavras raras de outras – tarefa essa que poderia ser feita, simplesmente, com o auxílio de um dicionário. O que mais despertava a minha atenção e animava a busca, era encontrar *palavras-histórias-experiências* que pudessem entrar em relação na composição de uma mesma carta. As palavras deveriam ser significativas para a compreensão da cidade de Marseille, da língua francesa ou do *marsellais*, e ainda guardar alguma relação entre si.

Metodologicamente, a confecção do TEdM incitou uma prospecção que era, ao mesmo tempo, meticulosa e casual. Ingold (2011:148) usa o termo “wayfaring” para descrever a experiência incorporada de perambular. Nesse perambular, o “wayfarer” que habita a terra como um ser movente e perceptivo, trilha caminhos e, assim, conhece coisas e lugares. Para Ingold, esse conhecimento pode ser contado em forma de histórias (“storytelling”). Meu “wayfaring”, aparentemente aleatório, teve limites claros, marcados pelo fato de eu ser uma mulher branca, estrangeira, que caminhava somente pelos bairros centrais de Marseille e aprendia francês, sem compreender nenhuma palavra das diversas variações do árabe escutadas pela cidade¹³. Levando isso em consideração, foi deambulando, trilhando caminhos que conheci as histórias das coisas e dos lugares trazidos para o TEdM e que podem ser contadas por meio dele, quando o tarô é jogado.

O sonho como *insight* de pesquisa

Outro aspecto importante do TEdM relaciona-se ao lugar que os sonhos podem ter em nossas pesquisas. Assim como a imaginação (sobre a qual Greenberg falou no início deste artigo), o sonho é mais uma dimensão perceptiva subordinada ao real pela lógica cientificista da modernidade. Estabelecer as pontes que conectam o onírico à vida desperta é um trabalho que, na sociedade ocidental, encontra respaldo na psicanálise. Como analisanda e não aspirante à psicanalista, não tenho competência para falar sobre os sonhos nessa área do conhecimento. Mas gostaria de pontuar a importância de ter tido uma sessão de psicanálise encerrada com a seguinte pergunta: por que, durante aquela

¹³ De acordo com Gasquet-Cyrus (2004:109), embora a língua predominante em Marseille seja o francês, variações do árabe, berbere e comoriano são bastante presentes na cidade. As variações mais comuns do árabe em Marseille são o tunisiano, marroquino e argelino.

residência de pesquisa libertadora em Marseille, eu iria estudar o *desenho dos outros*, quando poderia me dedicar ao *meu próprio desenho*?¹⁴

Dois meses depois de chegar à Marseille, já um pouco mais ambientada à cidade, sonhei que fazia uma tatuagem nas costas com a inscrição “Marseille bébé”. Essa é uma expressão repetida duas vezes ao longo do *rap* chamado Bande Organisée¹⁵, composto por diversos músicos de Marseille e encabeçado por Jul – um fenômeno musical que teve a honra de acender a tocha olímpica quando esta chegou à França pelo Vieux Port (Porto Velho) de Marseille, em maio de 2024.

Durante a música, um dos *rappers* diz: “C’est ne pas la capital, C’est Marseille bébé”. Ou seja, Marseille não é a capital: Paris. Ali as regras são outras, “É Marseille baby” – claramente fazendo alusão ao crime organizado¹⁶ e outras particularidades que distinguem aquela cidade mediterrânea. Particularidades como ser a cidade mais antiga da França, ter o maior porto comercial do país e contar com grande presença de imigrantes desde a sua constituição¹⁷. Rapidamente, a música Bande Organisée, lançada em 2020, tornou-se a mais tocada na história do Spotify francês¹⁸ e a expressão, “Marseille bébé”, popularizou-se como um *slogan* positivo da cidade.

¹⁴ Meu projeto inicial no Iméra-AMU chamava-se MuDE – Museu do Desenho Etnográfico. O objetivo era pesquisar e reunir em um *site* os desenhos de antigos antropólogos encontrados em arquivos europeus, além de contemplar também os desenvolvimentos do desenho na antropologia contemporânea. Esse assunto – o desenho na antropologia – interessa-me desde quando comecei a desenhar durante o trabalho de campo na África do Sul, em 2010, para a pesquisa de doutorado. Após essa experiência pessoal com o desenho, dediquei-me, em grande medida, ao *desenho dos outros*, movida pelo desejo de ver o desenho reconhecido como uma linguagem na antropologia. Reconhecimento esse que encontra-se em um bom caminho, particularmente, na antropologia na brasileira, a exemplo da segunda edição do Prêmio Pierre Verger de Desenho Etnográfico 2024 concedido pela Associação Brasileira de Antropologia.

¹⁵ O clipe da música Bande Organisée por ser visto no Youtube. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=-CVn3-3g_BI. Acesso em: 30 ago. 2024.

¹⁶ É longa a história que descreve Marseille como a cidade mais criminosa da França, devido a aspectos sócio-econômicos e ao fato de que o porto da cidade foi, e continua sendo, uma importante porta de entrada de drogas ilícitas. Em Marseille, entre 2010 e 2016, foi registrada mais de uma centena de homicídios, descritos pelo Observatório Nacional sobre Crime e Respostas Criminais (ONDRP) como “acertos de contas entre criminosos” (Orsini, 2018: 107).

¹⁷ Na introdução ao livro *The wicked city: the many cultures of Marseille*, Hewitt (2019: 02) destaca que após ser fundada pelos foseus gregos da Ásia menor no ano de 600 antes de Cristo, Marseille adquiriu o status de cidade mais cosmopolita da França devido à recepção, ao longo dos séculos, de diversas ondas migratórias. De acordo com esse autor, Marseille recebeu camponeses franceses do interior ao norte do país; imigrantes catalães, espanhóis, piemonteses e napolitanos; refugiados do leste e do sul do Mediterrâneo, incluindo judeus do Norte da África, gregos e corsos; e, depois do genocídio de 1922, armênios da Turquia; seguido por um número crescente de migrantes da África Ocidental e do Norte da África (Hewitt, 2019: 02).

¹⁸ Essa informação pode ser consultada em MAUPLAT, J. “Bande organisée” du collectif lancé par Jul est le titre le plus écouté en France depuis le lancement de Spotify. In: FRNCEINFO:. 10 out. 2023. Disponível em: <https://france3-regions.francetvinfo.fr/provence-alpes-cote-d-azur/bouches-du-rhone/marseille/15-ans-de-spotify-bande-organisee-est-le-titre-le-plus-ecoute-en-france-depuis-le-lancement-de-la-plateforme-2853605.html>. Acesso em: 27 ago. 2024.

Embora eu adorasse a música e a expressão, considerei o sonho da tatuagem engraçado e, vez por outra, compartilhava-o com alguém para rir do meu próprio fascínio pela cidade. Fascínio esse que transformou-se, alguns meses depois, na primeira carta que fiz do TEdM.

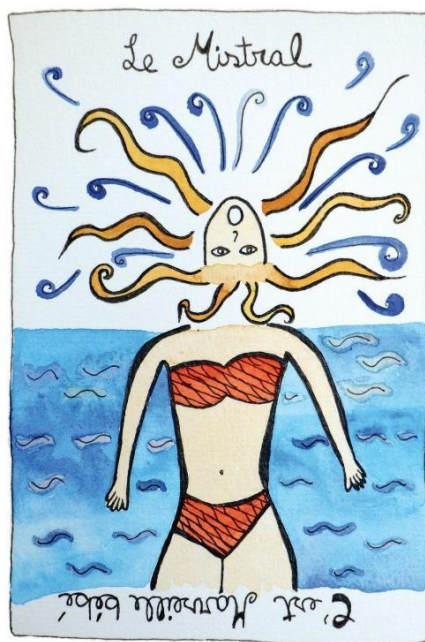
Figura 7 – Carta que corresponde à letra M do Tarô Etnográfico de Marseille



Fonte: Azevedo, 2024

Nessa carta, “C’est Marseille bébé” corresponde a um modo de vida festivo, praieiro, descontraído que é, vamos dizer assim, *a cara* de Marseille, com suas praias frequentadas mesmo no inverno. Por outro lado, há também “Le Mistral”, vento com presença marcante em Marseille, cujo nome significa “magistral”. Quando o Mistral chega, tudo muda. Por isso as pessoas estão sempre atentas à *météo* (meteorologia): um dia de sol pode ser arruinado por esse vento. Muito mais que o frio do inverno, é o Mistral que impede as pessoas de irem à praia ou sair nas ruas tranquilamente. O Mistral vira a cabeça das pessoas, muda a perspectiva sobre a cidade – como mostra o desenho da carta. Essa carta fala então sobre duas formas oscilantes de se viver em Marseille.

Figura 8 – Carta que corresponde à letra M do Tarô Etnográfico de Marseille,



Fonte: Azevedo, 2024

Na leitura do TEdM, importa qual das duas cabeças aparece em cima quando a carta é selecionada e disposta sobre a mesa, significando que aquela é a experiência predominante. No entanto, nenhuma carta pode ser lida sem considerar as relações entre as duas cabeças, buscando mostrar a constante fluidez entre as experiências.

“Reativar” o tarô

Desde que o TEdM ficou pronto, em junho de 2024, tenho escrito sobre as cartas e o que elas querem dizer. Esse processo que vai das cartas para a escrita, e não o contrário, permite o aprendizado de coisas novas *com* elas. A experiência de apresentar o TEdM em Marseille e de tirar as cartas para algumas pessoas ali, também mostrou-se (e continua a mostrar-se) importante. Pois, se eventualmente os próprios francófonos surpreendem-se com a origem de alguma palavra ou expressão, e mesmo os moradores de Marseille descobrem algumas histórias da cidade por meio do TEdM, eu também sou constantemente interpelada pelas novas histórias e relações entre os desenhos e as palavras que as pessoas veem nas cartas. Do lado de cá do mundo, jogar o TEdM, além de ser uma forma de compartilhar a etnografia e especular sobre os significados das cartas em relação à vida das pessoas, também acarreta igualmente novos aprendizados.

Nesse sentido, a incompletude interpretativa do TE_dM poderia aproximar-se de qualquer outra experiência de pesquisa antropológica, que exige um final, mesmo quando sabemos que *ainda* podemos saber mais. Entretanto, o que gostaria de destacar é que, se por um lado, a feitura do TE_dM guiou a pesquisa etnográfica, por outro, quando o TE_dM ficou pronto, ele também tornou-se um dispositivo de engajamento, partilha e aprofundamento do conhecimento etnográfico. Assim, jogar o TE_dM é, ao mesmo tempo, uma forma de conhecê-lo e revelá-lo.

De acordo com Sztutman (2018: 339), “*reclaim*” é o verbo utilizado em inglês no diálogo da filósofa da ciência, Stengers, com a escritora e ativista neopagã, Starhawk, para “reativar” e “retomar” a magia e a feitiçaria. Vistas como práticas irracionais que foram excluídas das ciências modernas e do mundo capitalista, “reativar” e “retomar essas práticas inscreveria-se na chave da ‘resistência política’ e de ‘recuperação de um comum’” (Sztutman, 2018: 339).

Murney, por exemplo, propõe jogar o tarô (e poderíamos dizer, “reativar” o tarô, nos termos acima) como um antídoto para mudar a escala dos relacionamentos na era da extinção (2023: 245). Baseando-se no curso de Arte e Antropoceno que leciona em Sidney, Murney percebe que grande parte das obras artísticas sobre as mudanças climáticas são marcadas pelo “consumo visual desincorporado” e “o incessante e voraz desejo de ver mais” (Murney, 2023: 245). Seria como se vivêssemos em um paradoxo: “estamos vendo demais e não o suficiente” (Murney, 2023: 247). Propondo uma outra forma de nos acercamos desses problemas, Murney retoma experiências realizadas no campo da arte socialmente engajada que fazem experimentos com o tarô. Ela escreve que nesses casos, o tarô permite “cultivar novas formas generativas de pensar e forjar relações com o mundo e com o outro” (2023: 247)¹⁹ e ainda, que “O tarô intervém na ideia de ‘fazer sentido’, desvendando uma lógica científica ou de ‘senso comum’ para experimentar novos padrões” (2023: 252)²⁰.

Assim, “reativar” o tarô, pode ser um antídoto para a mudar a escala das relações no Antropoceno, como proposto por Murney (2023); ou um antídoto decolonial para a escrita sobre a adivinhação, como proposto por Greenberg (2023); e, ainda, um

¹⁹ Do original: “(...) to cultivate generative new ways of thinking and forging relationships to the world and each other” (Murney, 2023: 247).

²⁰ Do original: “Tarot intervenes in the idea of ‘making sense’, unpicking a scientific or ‘common sense’ logic in order to experiment with new patterns” (Murney, 2023: 252).

“paraquedas colorido” (Krenak, 2019) ou um antídoto metodológico para pensar *com* a etnografia, como proposto aqui *com* o TEdM.

Cartada final

Perguntei ao próprio TEdM “O que é o Tarô Etnográfico de Marseille?” Tirei três cartas do baralho e as posicionei em linha para lê-las da esquerda para a direita. As cartas que saíram correspondem às letras N, C e F e às palavras: La Navette/Le Noisette; La Calanque/La Chaise; La Farigoule/Le Figuier. Na leitura do TEdM, devemos considerar a parte superior das cartas como preponderante. No caso, La Navette, La Calanque e La Farigoule. Como ficará claro a seguir, essas *palavras-desenhos-experiências* guardam entre si a particularidade de fazerem referência a *coisas* de Marseille ou da região da Provença, mais que da França em geral. Então, para começar, poderíamos dizer que o próprio TEdM indica que é fruto dessa região específica: o sul da França.

Figuras 9, 10 e 11 – Cartas que correspondem às letras N, C e F do Tarô Etnográfico de Marseille



Fonte: Azevedo, 2024

La Navette/Le Noisette é uma carta que fala sobre a relação de complementariedade, encontro, reciprocidade, quando toma-se um café com biscoito. Mas não trata-se de qualquer café ou biscoito. *Noisette*, que significa literalmente avelã, é também a forma francesa de denominar o café com um pouco de leite, com cor de avelã – como o *pingado* no Brasil ou o *macchiato* na Itália²¹. Por sua vez, *navette*, em francês

²¹ A carta Le Noisette refere-se a “le café noisette”, podendo ser utilizada também a forma feminina, “la noisette”.

corrente, denomina um transporte circular – como um barco que atravessa o porto regularmente. Já em Marseille, indica também um biscoito feito à base de farinha e perfumado com água de flor de laranjeira, cuja forma faria alusão ao barco em que Maria Madalena teria chegado à França ou à vulva que simbolizava a fertilidade em rituais pagãos. Consumida anualmente em Marseille, a *navette* participa também das celebrações da Candelária e da Vierge noire (Madona negra)²², no dia 2 de fevereiro. Nessa ocasião, uma procissão visita a Abbaye Saint-Victor (Abadia de São Victor), quando a Vierge noire faz sua aparição anual e o arcebispo de Marseille abençoa o mar e a cidade, assim como as *navettes* e o forno em que são tradicionalmente fabricadas desde o século XVIII (o Four des navettes). As *navettes* são então distribuídas aos presentes, que devem guardá-las e consumi-las somente no ano seguinte. Considerando a preponderância de La Navette no jogo proposto, destaca-se aqui a ambiguidade da origem das coisas. A *navette* é um barco ou uma vulva? A partir desse carta, poderíamos dizer que o TEdM indica que participa desse lugar em disputa ocupado pela *navette*, que pode ser tanto sagrado, quanto profano.

La Calanque/La Chaise é uma carta que fala sobre a relação de equilíbrio entre duas atividades opostas, porém complementares em Marseille: desbravar a natureza ou ficar parado/a nos cafés conversando. *Chaise* significa cadeira, literalmente. Mas a *chaise* do TEdM é inspirada nas cadeiras dos cafés, restaurantes, bares e *tabacs*²³ franceses, cujo *design* particular indica, quando as vemos, que não poderíamos estar em outro lugar que não seja a França. *Calanque*, por sua vez, é o nome de um tipo de formação rochosa que circunda Marseille e compõe o primeiro parque nacional periurbano da Europa: o Parc Nacional des Calanques. Embora esteja colado à cidade, qualquer passeio pelo parque requer fazer alguma trilha, que pode ser relativamente fácil, mas geralmente é uma verdadeira aventura por caminhos tortuosos que atravessam paisagens deslumbrantes e chegam a baías recônditas. Considerando a preponderância de La Calanque na leitura proposta aqui, enfatiza-se, de forma contra-intuitiva, uma experiência que vem do movimento – e não do estar parado/a, sentado/a numa *chaise* jogando o tarô. A partir dessa carta, poderíamos dizer que o TEdM indica que participa da experiência de movimento e, incita-nos a sair do lugar de conforto para desbravar o desconhecido.

²² Oficialmente Notre-dame de Confession.

²³ *Tabacs* são os estabelecimentos autorizados a vender derivados de tabaco e jogos de azar na França.

Por fim, La Farigoule/Le Figuier é uma carta que fala sobre a correspondência entre os conhecimentos de cura e adoecimento relativos às plantas. *Figuier*, ou figueira, é uma árvore tão abundante quanto a oliveira no Mediterrâneo. E seus frutos foram utilizados pelos egípcios e romanos para engordar gansos e fazer *foie gras* (um prato à base de fígado engordado de pato ou ganso que hoje é típico da culinária francesa). Em latim, o fígado engordado era chamado de *jecur ficatum*, que significa o fígado dos figos. A palavra francesa *foie* (fígado) veio então de *ficatum*: dos figos. Por sua vez, *farigoule* é o nome provençal dado ao tomilho (*thym*, em francês) e de um licor também da Provença preparado com essa mesma erva. A *farigoule*, assim como outras ervas aromáticas no Mediterrâneo – alecrim, louro, manjerição, erva-doce, manjerona, estragão e sálvia – também têm propriedades medicinais, que correspondem a saberes hoje considerados menores, dada a prevalência do conhecimento biomédico. Considerando a preponderância de La Farigoule proposta aqui, poderíamos dizer que o TEdM indica que partilha dos saberes curativos, ainda que estes não sejam devidamente reconhecidos.

O que é o Tarô Etnográfico de Marseille? Segundo as cartas tiradas e os respectivos lados predominantes, o TEdM expressa uma origem ambígua – como a *navette* (é tarô ou etnografia? ambos ou nenhum?) – e incita-nos a arriscarmo-nos por caminhos desconhecidos – como uma aventura nas *calanques* (jogá-lo?) – em busca de remédios nem sempre reconhecidos pelo saber hegemônico – como a *farigoule* (antídotos metodológicos?).

Ao longo deste artigo, percorri os caminhos que levaram-me a fazer o TEdM, buscando explicitar de que forma esse trabalho tornou-se um tarô que expressa o conhecimento etnográfico. Como espero ter ficado claro, a etnografia não teria sido feita se não fosse a produção do tarô; tampouco haveria um tarô realizado por mim, se não fosse o interesse etnográfico. Procurei justificar a escolha da *forma* tarô a partir da presença dessa linguagem em Marseille, uma sorte de acaso que, no entanto, é a expressão da própria etnografia. Idealmente, o TEdM deveria ser acompanhado de um livreto no qual os significados das cartas pudessem ser conhecidos, para que qualquer pessoa interessada tanto em tarô, quanto em etnografia, tivesse a oportunidade de jogá-lo. Esse trabalho ainda está por ser sistematizado a partir das leituras que faço e escuto das cartas. Pouco falei aqui sobre os desenhos que compõem o TEdM, talvez a parte mais importante dos jogos de tarô que permitiram, ao longo dos séculos, que as pessoas iletradas pudessem ler nas cartas a felicidade, a loucura, o amor, entre outros. Nesse caso, há muito ainda para dizer e, ainda mais, para ver.

Referências

- AZEVEDO, Aina. *Tarot Ethnographique de Marseille*. Publicação independente de 100 exemplares. Marseille, Iméra-AMU, 2024.
- BOSERMAN, Carla Romero. *Dibujo en contexto: otros laboratorios, pequeñas cocinas y un rebaño: Una aproximación al dibujo etnográfico desde el arte, lo político y lo colectivo*. Tesis Doctoral – Departament de Didàctica de les Arts i de les Ciències, Centre Universitari de Disseny de Barcelona, Universitat Central de Catalunya, 2021.
- CORNU, Roger. Lire le travail dans le cartes. *Images du travail, travail des images*, n. 5, p. 01-18, 2018. <https://doi.org/10.4000/itti.892>
- EVANS-PRITCHARD, Edward. *Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005.
- GREENBERG, Yvan. Imaginal Research For Unlearning Mastery: Divination With Tarot As Decolonizing Methodology. *Anthropology of Consciousness*, n. 34 (2), p. 527-549, set. 2023. <https://doi.org/10.1111/anoc.12198>
- HEWITT, Nicholas. *Wicked City: The many cultures of Marseille*. London, C. Hurts & Co., 2019.
- HOFFMANN, Detlef. *The playing card: an illustrated history*. Greenwich, New York Graphic Society Ltd., 1973.
- INGOLD, Tim. *Being Alive: Essays on Movement, Knowledge and Description*. London, Routledge, 2011.
- JOUFFROY, Alain. Les jeux surréalistes entretien avec Jacques Hérold, *Le surréalisme I*, XXXVI année, n. 42, p. 152-153, jun. 1974. <https://www.andrebretton.fr/fr/series/127>
- KRENAK, Ailton. *Ideas para adiar o fim do mundo*. São Paulo, Companhia das Letras, 2019.
- MURNEY, Anastasia. Tarot as affective cartography in the uneven Anthropocene. *Journal of Visual Culture*, n. 22(2), p. 243-263, 2023. <https://doi.org/10.1177/14704129231196365>
- ORSINI, Hadrien Fouillade. *La concentration du crime et les caractéristiques de l'aménagement de l'espace urbain à Marseille*. Thèse de doctorat en Géographie. COMUE Université Côte d'Azur, 2018.
- ROGRIGUES, Daniela e ROSA, Joana. Arcanos Menores. *INTERACT Revista Online de Arte, Cultura e Tecnologia*. n. 35, 2021. <https://revistainteract.pt/35/arcanosmenores>
- SZTUTMAN, Renato. Reativar a feitiçaria e outras receitas de resistência – pensando com Isabelle Stengers. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 69, p. 338-360, abr., 2018. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i69p338-360>
- URRUTIA, Josune Asua. *Breve diccionario enciclopédico ilustrado de MI cáncer*. Bilbao, Autoedición, 2017.